

À propósito de um Encontro de Saberes na UFPB¹

Oswaldo Giovannini Junior²

Antônio Pessoa Gomes³

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.58010>

Entrevista com Cacique Caboquinho realizada em março de 2023 – Aldeia Forte, Terra Indígena Potiguara – Paraíba

A propósito de um Encuentro de Saber em la UFPB

Entrevista con Cacique Caboquinho hecha en marzo, 2023 – Aldeia Forte, Tierra Indígena Potiguara – Paraíba

On the subject of a Meeting of Knowledge at UFPB

Interview with Cacique Caboquinho held in March 2023 – Aldeia Forte, Potiguara Indigenous Land – Paraíba.

¹ Universidade Federal da Paraíba

² Oswaldo Giovannini Junior. Doutor em Antropologia Cultural pela UFRJ. Professor da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: oswaldo.giovanninijr@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-5692-4083>

³ Liderança indígena. Tornou-se professor em escola indígena formado pela Universidade Federal de Campina Grande. Laureado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: caboquinhopotiguara@gmail.com

À propósito de um Encontro de Saberes na UFPB

Introdução

Conheci Caboquinho como anfitrião, em sua casa na aldeia Coqueirinho, por intermédio de seu filho Aguinayari, estudante do curso de Antropologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Campus IV. Foram 5 anos frequentando Coqueirinho durante pesquisa sobre a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, contando com seu apoio e com a partilha de seus saberes sobre a história do povo Potiguara, sua espiritualidade e suas lutas, além das várias conversas sobre o movimento indígena, no qual foi e ainda é atuante.

Em nosso último encontro o assunto girou em torno dos planos que eu e outros colegas da Universidade temos de implantar institucionalmente o projeto 'Encontro de Saberes'⁴, no seu sentido específico tal qual proposto pelo INCTI e que vemos atuante em diversas Universidades brasileiras. Em 2019 um grupo de professores, professoras, estudantes e técnicos administrativos da UFPB se

reuniram com o objetivo de partilhar experiências em comum ligadas a atividades com Mestres e Mestras dentro da instituição. As ações, desde então, estiveram concentradas no esforço da institucionalização do projeto, buscando os caminhos de sua regulamentação, como a criação de uma resolução criando o título de Notório Saber e a implantação de uma disciplina no curso de graduação em Antropologia.

Por outro lado, nessa fase de implementação do projeto procuro estreitar laços, já criados em outros momentos, com os "mestres e mestras" tradicionais próximos, trazendo suas histórias e propostas para a construção de um projeto coletivo. Propus, então, a Caboquinho a realização de uma entrevista abordando conhecimentos e histórias de vida, no sentido de trazer um saber e "simultaneamente apresentar sua biografia que ancora este saber"⁵. Esta entrevista foi uma conversa compartilhada oralmente, pessoalmente e pela internet, e passada, da oralidade, para a escrita. Caboquinho, então, nos

⁴ Carvalho e Vianna, 2020.

⁵ Carvalho e Vianna, 2020, p. 35.

apresenta um campo de interação entre saberes tradicionais e acadêmicos e estes com o movimento indígena, especialmente no Nordeste e na Paraíba dentre o povo Potiguara, levando-nos a pensar no encontro de saberes em um sentido amplo⁶. Apresenta-nos a história de protagonismo do movimento indígena no processo de abertura das Universidades para seus saberes e interesses. Por conseguinte, um cenário atual que indica uma crescente presença de indígenas nas Universidades do nordeste.

Antônio Pessoa Gomes, nascido em 1964, é liderança política e referência cultural para seu povo. Participa do movimento indígena desde os anos 1980. Foi Cacique Geral Potiguara entre os anos 2001 e 2011 e participou da Comissão Nacional de Política Indigenista (CNPI) no/Ministério da Justiça nos anos 2005 a 2015. cursou o ensino superior na Universidade Federal de Campina Grande formando-se em 2018. Tornou-se professor em escola indígena e foi laureado com o título de Doutor Honoris Causa pela

Universidade Federal da Paraíba em 2016. Um pouco deste processo de transitar entre a oralidade e a escrita, ou encontrar saberes tradicionais e acadêmicos, da circulação entre a universidade e a militância do movimento indígena, são temas tratados por esta conversa.

Oswaldo Giovannini Junior

Oswaldo – Proponho dividir esta conversa em três partes. Primeiro você poderia falar sobre sua vivência dos saberes tradicionais do seu povo, Potiguara; em seguida sobre os saberes que você vivenciou na atuação no movimento indígena, e por fim, como estes saberes vividos se relacionaram em sua história com os saberes da academia.

Caboquinho - Na verdade, a questão do indígena, a questão da sabedoria indígena, tem a ver com a questão da ancestralidade espiritual, sobre como você deve respeitar a natureza.

Você respeita e a natureza agradece! Minha família era muito, e ainda tem um pouco ainda, de conversar com as divindades. Muitas das vezes a gente até se perdia dentro da mata, dentro

⁶ Goldman, Barbosa Neto e Rose, 2020.

do mangue e eles com aquela força, com aquela sabedoria, com aquelas rezas fortes, eles faziam com que a gente chegasse no caminho de volta pra nossa casa.

Eu cansei de ir caçar com o meu tio, meu tio Geraldo, que já está falecido, e quando ele sentia aquela força espiritual, que estava vindo de lá para cá, muitas das vezes ele usava a própria enxada, que a gente usava pra caçar um tatu, batendo a enxada e fazendo com que aquelas divindades sumissem. Já vi também muitas vezes os cachorros apanharem de uma força espiritual muito maior do que aquilo que a gente esperava. Os cachorros chegavam junto da gente grunhindo, e ali ficava e não saia mais pra nenhum canto. Outras vezes eu vi a gente cavando um buraco de tatu e quando a gente descobriu era um formigueiro. Sim, eu tenho muitos desses exemplos interessantes.

Uma das coisas mais fortes que eles tinham, a minha família, eles tinham o poder de se "vultar"⁷. Eles usavam uma reza tão forte que eles se

⁷Eram as pessoas que tinham uma reza muito forte e os fazia invisíveis, na realidade, era uma pessoa que se transformava em qualquer coisa, em um cachorro, em uma tocha de fogo, e, assim, passava despercebida por quem a perseguia.

"vultavam" muitas das vezes. Isto porque eles eram muito aguerridos, eles lutavam muito pela questão do seu território, e também tinham as brigas internas, então eles eram muito respeitados porque a polícia de fato não conseguia pegar ninguém. Muitas das vezes, a polícia ia na frente, em perseguição, e eles iam atrás, eles iam atrás e faziam a polícia "ficar boba"⁸ e tal.

Eu tive uma experiência muito forte com minha mãe⁹ quando eu parti para o movimento indígena regional, o leste e o nordeste. E teve uma época que eu passei quase 30 dias no meio do mundo, fazendo articulação com o pessoal daqui do nordeste, principalmente do Ceará. Ao dormir numa casa de uma anciã, quando nós deitamos, eu e Zé de Santa, um Xukuru, lá de Pesqueira, Pernambuco. E aí, quando a minha rede balançou, né?! Quando eu olhei, era a minha mãe! Ela era viva nessa época.

Balançou e só disse assim:

"Vai pra casa amanhã!"

E eu vim pra casa.

⁸ Perder os sentidos momentaneamente.

⁹ Dona Maria Gomes foi parteira muito ativa e respeitada entre o povo Potiguara

Quando eu cheguei aqui, aí eu disse:
Mas minha mãe a senhora foi me chamar?

"Fui, e vou! É, eu fui e vou, onde você estivereu tô junto com você!"

Porque a nossa espiritualidade é igual".

Eu disse: *Mas por que a senhora foi me chamar?*

Ela disse:

"Porque tinha mais de 30 dias sem dar notícias!"

Naquela época ninguém tinha telefone, ninguém tinha nada. Nem por fumaça a gente poderia fazer esse tipo de comunicação.

O exemplo da minha família é uma família muito forte, muito aguerrida. Família mesmo. Isso fez com que eu partisse de fato para o conhecimento regional e o conhecimento nacional também de vários povos que eu vi.

Oswaldo - Fale um pouco desta vivênciadentro do movimento indígena.

Caboquinho – Na realidade existem vários povos e cada qual com suas tradições, com a sua cultura, sua religião. E totalmente diferente e às vezes muitas pessoas não entendem, ou não respeitam, ou não querem

respeitar a tradição de determinado povo.

Eu sou uma pessoa que aprendi muito durante esse tempo e sempre soube respeitar, principalmente os anciões, os mais velhos, e eu acho que ali é onde está a força maior.

Não desrespeitando também os mais novos, os Pajés novos e asPajés que estão se desenvolvendo.Muito das coisas que a gente tem é o respeito por aquela sabedoria de um determinado povo.

O Brasil, todo mundo sabe, é um país pluriétnico, pluricultural, eu diria que tem uma cultura totalmente dinâmica que faz com que você acompanhe principalmente a questão da atualidade. Porque você tem que sempre estar vivenciando o antes, o agora e o depois.

Além disso, você tem que ver também a questão dos índios, que eu não diria que são índios sobreviventes, nem diria índios emergentes, ou ressurgidos emergentes, mas eu digo os *indígenas resistentes*. Nem ressurgido, nem emergente, e sim os índios resistentes.

E essa resistência, essa resistência significa o que?

É dizer: *“O eu está aqui, eu estou aqui, eu sou daqui, a minha espiritualidade é daqui meu conhecimento é daqui, é na questão da minha terra, eu consegui isso na questão do meu território, eu tenho isso também na questão da territorialidade”*.

Isso faz com que fortaleça principalmente a questão de vivência, tanto a vivência espiritual, que você tem que estar presente, como também a vivência política.

Porque tem que andar junto, essa questão, principalmente das políticas públicas.

Não é você querer, como muitas vezes acontece, de ser um indígena folclórico, na verdade, você andar com o cocar, andar com o facão, andar com isso, fazer aquilo, mas na realidade não cumpre as suas regras espirituais, não cumpre as suas regras ambientais.

Eu costumo ter sempre esse respeito, principalmente com a natureza.

Eu me dou super bem com a natureza, com o mar e com as matas. E o rio também.

Até porque quando eu fui Cacique Geral, eu me batizei nessas três áreas. Me batizei na terra, me batizei no fogo, me batizei no rio.

Oswaldo - Como foi esse batismo? Pra tornar-se Cacique Geral?

Caboquinho - É, Cacique Geral. Na verdade, o Cacique Geral tem que passar pelas três fases, a primeira é a questão da espiritualidade de você com a terra. Então você tem que fazer aquele ritual, você se ajoelha junto com as mulheres, principalmente as Pajés, e aí elas fazem aquela reza. Antes disso a gente faz um Toré e tal, mas aí ela faz aquela reza clamando a Mãe Terra, pedindo respeito, pedindo apoio, pedindo força, pedindo isso e aquilo.

Depois dali nós vamos pro fogo, né! Você tem que ficar perto mesmo das Pajés, as Pajés com aquela tocha de fogo na mão, e aí aquele fogo é pra queimar tudo aquilo que você tem de ruim dentro de você, né. Aquilo ali está queimando tudo, tudo que for ruim. Seu corpo está sendo liberado para você ser uma pessoa livre, para ser uma pessoa pronta para ocupar uma função de Cacique Geral. Porque a função de Cacique Geral é uma função mais ampla e você tem que estar seguro, tem que ter um respeito principalmente com o seu povo, com a

sua comunidade, com a questão das marés, a questão dos rios e tudo isso. Quando você vai fazer o ritual da água, é pra tirar tudo isso. Tanto que a água é pra lavar tudo aquilo que a gente passou na terra, que a gente tá passando na terra, aquilo que foi queimado. Então ali a gente vai para a água, que a água, principalmente a água corrente, é ela que vai levar tudo isso embora. E aí também são as Pajés que fazem esse banho. Pega na cabeça, pega na minha cabeça aqui, dá três banhos, e aí depois disso aí você é liberado e se torna Cacique Geral. Pra ser Cacique Geral você tem que ter um regime, eu diria que é uma estadia muito complicada.

Você tem que estar pronto pra receber tudo aquilo que está sendo construído ali pra nós.

E ainda, sobre minha vivência dentro do movimento, no passado e nas articulações de agora, eu devo isso muito aos meus companheiros, sendo que muitos já se foram: Maninha, Xicão, seu João Tomás e outros.

Como Xicão sempre falava:

“A gente não fica enterrado, a gente é plantado! E são estas plantas que estão fazendo o trabalho que tá até hoje”.

Oswaldo - E sobre a relação com os saberes acadêmicos?

Caboquinho - Aí nós buscamos a relação de tudo isso que eu falei com a questão acadêmica, a questão do conhecimento tradicional com o conhecimento acadêmico.

Isso é uma coisa muito importante para a gente. Até porque a sociedade acadêmica não reconhece às vezes, e passa por cima dos saberes tradicionais. Principalmente na questão das plantas medicinais, dos remédios feitos pelas pessoas que conhecem, que trabalham com essa questão das plantas medicinais, o saber das parteiras indígenas, que é uma coisa muito importante que foi, principalmente em anos passados, de suma importância para aquela comunidade que tinha uma parteira dentro de uma aldeia. Aqui, nós sempre tivemos uma fertilidade muito grande com os conhecimentos dessas pessoas, com os conhecimentos tradicionais de saberes. Uma delas era dona Nanci e outra era a minha mãe, dona Maria¹⁰.

¹⁰ Maria Pessoa dos Santos Gomes.

Minha mãe e dona Nanci acho que tem mais de mil filhos! Que elas conseguiram salvar.

Muitos indígenas. Às vezes ia a pé, às vezes ia de bicicleta, às vezes ia de cavalo, porque naquela época não tinha carro. Ia até pra aldeia distante quando chamavam. Elas faziam o trabalho de parteira e ficaram muito conhecidas dentro dessas aldeias. Mas isso ainda, na sociedade acadêmica, ainda tem algumas interrogações de vários setores médicos, que às vezes não concordam.

Baseado nisso, eu acho que foi no ano passado, ano atrasado se não me engano, nós criamos um GT, um GT indígena e acadêmico, né?! GT indígena acadêmico, e aí tinha a participação de várias pessoas da Universidade também, de vários indígenas daqui.

Oswaldo - Esse GT foi onde?

Caboquinho - O GT foi aqui, no Forte, a gente se reunia todo sábado aqui, fizemos um levantamento de mais ou menos, eu acho que mais de 100 exemplares, entre tese, entre TCC,

entre livros e tal, nós temos mais de 100 exemplares disso.

Oswaldo - Sobre o povo Potiguara?

Caboquinho - É, só sobre o povo Potiguara. E aí nós temos um volume muito forte, e temos que trazer isso de volta para dentro, principalmente, para a sala de aula. E eu não sei se já fizeram, mas a gente queria fazer, por exemplo, alguns livros didáticos para começar a jogar isso nas escolas. E aí nós temos a questão da demarcação da terra, a questão da saúde, a questão da educação, a questão produtiva agrícola. Nós temos tudo isso e principalmente a questão da história Potiguara.

Além de buscar isso aqui, trago a minha vivência dentro do movimento indígena regional e nacional e até internacional. Eu tive a oportunidade de observar vários rituais de vários povos, bolivianos, peruanos, que me empolgavam. São totalmente diferentes de nossa realidade.

Aqui no nordeste a gente tem buscado valorizar isso: rituais tradicionais, aspectos culturais, ambientais e históricos junto com as Universidades.

Muitos indígenas não estavam acostumados a vivenciar por exemplo o toré, a questão da pintura, a questão do cocar, a questão dos cantos que a gente tem. E isso, a Universidade, principalmente a UFPB ela fez um trabalho muito interessante.

Eu lembro de um professor que falava que uma das coisas mais fortes que um índio pode ter de arma, não é só arma de fogo não, mas sim o seu maraca. O seu maraca tem um som muito forte. Quando soa até as pessoas que divergem, eles querem comparecer, querem participar do ritual. Uma das coisas que nos fortaleceu foi a questão da pintura. Eu estudei muito as técnicas da pintura e eu consegui ver que na realidade a pintura indígena está baseada em três coisas, que é: nos pássaros, nos répteis e nos peixes.

Pois passado esse tempo todo dentro do movimento, mais de 30 anos de movimento indígena, aprendi a conviver, a participar e às vezes a instruir dentro das minhas aulas, que eu sempre dei, questões de fortalecimento, principalmente cultural, do povo Potiguara. Partindo do princípio da questão da história, pela questão da oralidade, eu fazia com

que meus alunos fizessem pesquisa de campo, conversar com os anciões sobre as questões daquela velha comunidade, visitar as igrejas antigas, visitar os rios, as matas, os mangues e isso fortaleceu muito a convivência, a questão dos saberes, dos saberes tradicionais com o saber acadêmico.

Oswaldo - Quando você começou a ter contato mesmo com a Universidade, como foi a primeira vez, algum pesquisador que chegou aqui ou você dentro do movimento?

Conta um pouco dessa sua trajetória de relacionamento com a Universidade até sua formação acadêmica e o título de doutor *Honoris Causa*.

Caboquinho - Na realidade, eu muito novo ainda, eu me preocupei. Na época eu não era nem cacique, eu me preocupei com o fato de pessoas vindas de fora para serem professoras aqui nas escolas indígenas. Eu me preocupei também com o fato de muitos acadêmicos virem aqui fazerem suas pesquisas, seus relatórios, e não darem retorno para a comunidade. Eu vi muitas vezes o próprio pessoal da Funai fazer um trabalho aqui dentro sobre a questão das plantas

medicinais e da questão das rezas e isso nunca voltar para a comunidade.

Oswaldo- Isso era mais ou menos em que ano?

Caboquinho - anos 80, início dos anos 80.

Oswaldo - Então era juvenzinho.

Caboquinho - Era. E aí eu fui até a Universidade e tive uma reunião com o reitor pra ver se tinha possibilidade de alguns indígenas irem fazer, naquele tempo, vestibular.

Oswaldo - Qual Universidade?

Caboquinho - UFPB. Porque eu me preocupava muito! Tinham muitos indígenas que terminavam naquela época o terceiro ano e aí paravam e não tinham condições de estudar, fazer Universidade. Por mais que seja pública, você tem gastos, né?!

O que eu queria? Eu queria que a Universidade criasse um Campus, um núcleo mais perto daqui. Eu estava pensando nisso, já que não pode fazer uma Universidade, coloca um núcleo lá e tem várias áreas para serem

trabalhadas. Tem a questão da pesca, tem várias áreas que a Universidade pode trabalhar. E ele disse que não tinha condições e tal. Depois eu procurei novamente outro reitor e ele não atendeu. Daí montei uma comissão e fui pra Campina Grande, pra UFCG. A UFCG disse que aceitava fazer um trabalho com a gente, de cooperação e criaria um curso específico para os indígenas, principalmente professores. Foi quando veio o Prolind¹¹. O Prolind é um programa de Licenciatura Intercultural, que é um programa justamente para professores. Eu, como universitário, não só aqui e em Campina Grande, mas eu tenho relação muito boa com a Universidade, principalmente a do Rio Grande do Norte com a de Pernambuco também e com as instituições como os IFs e outras Universidades. Eu tenho um acesso muito, muito bom e isso faz com que o povo Potiguara hoje tenha

¹¹ Prolind: Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas, criado pelo MEC em 2005 para apoiar a formação superior de professores indígenas. Na Universidade Federal de Campina Grande foi criado o curso de Licenciatura em Educação Indígena, fruto de uma longa parceria entre a UFCG e a OPIP (Organização dos Professores Indígenas Potiguara)

vários Campus pra estudar, tanto na Universidade pública quanto privada.

Oswaldo - E você fez o Prolind... Foi da primeira turma.

Caboquinho - Fiz o Prolind. Fui da primeira turma. E essa vivência toda dentro da Universidade e com o meu trabalho também voltado à defesa dos direitos indígenas, como a questão da demarcação da terra, a questão da saúde. Fui um dos protagonistas para se criar essa Secretaria Especial de Saúde Indígena e também um dos protagonistas na criação da educação diferenciada e das escolas indígenas.

O que está pendente ainda é a questão da produção agrícola, então, de você trabalhar na terra, você ter o seu próprio sustento, tanto você como sua família. Você saber trabalhar na terra também é uma das coisas mais importantes, onde entra os saberes em relação à lua, o agricultor indígena sabe quando é que a lua está boa, pois eles fazem o plantio. Sabe quando a lua está boa para fazer uma colheita, sabe também quando e como se deve plantar uma determinada planta. Não é todo mundo que sabe fazer um plantio, principalmente de

plantas frutíferas. Enfim, é esse conhecimento tradicional que nós trazemos. O conhecimento acadêmico também aqui é de suma importância porque você soma os dois e fica muito forte. Hoje nós temos vários técnicos agrícolas, poderíamos fazer isso.

Nós temos várias pessoas hoje na Universidade fazendo Ciências da Religião, uma das coisas importantes. Nós temos vários indígenas fazendo Antropologia. Isso é muito positivo. Nós temos hoje um leque muito forte de indígenas aqui, principalmente Potiguara, dentro da Universidade. Isso é consequência de uma luta do movimento indígena.

Então, por todos estes anos de trabalho, a Universidade Federal da Paraíba me concedeu o título de doutor *Honoris Causa*. Durante toda essa luta que eu trouxe na questão das *retomadas*, não só daqui, mas da região nordeste, leste, de Minas Gerais pra cá e Espírito Santo. Eu participei de todas essas retomadas. Então é pela ideologia, pela questão da sobrevivência, a questão da moradia, a questão da saúde, a questão da educação, é você ter um lugar sagrado pra você morar.

Isso fez com que a Universidade me desse esse título e hoje, aqui no nordeste, eu sou o único índio que tem o título de *Honoris Causa* por uma Universidade federal. Este título é de suma importância pra mim, porque é o reconhecimento de uma instituição federal, de uma Universidade, em reconhecer uma luta, é o reconhecimento daquela pessoa que sempre lutou, sempre esteve junto ali na luta para defender a questão do seu território, questão dos seus direitos e deveres.

Oswaldo - Depois que você foi concedido com esse título de doutor *Honoris Causa*, você acha que abriu mais espaço dentro da academia para você poder se manifestar e participar, dar aula? Como tem sido nos últimos anos?

Caboquinho - O título foi em 2016. A partir daí as portas se abriram de fato. São muitas Universidades que me chamam para eu dar palestras. E não só dar palestras, mas de conhecer também a questão da vivência do indígena dentro da Universidade. Eu tenho uma sorte muito grande porque

apesar da Universidade ter suas falhas, toda instituição tem, mas, eu sou um felizado porque eu nunca fui discriminado, sempre com o maior respeito, em qualquer Universidade, seja em qualquer escola agrícola que eu estudei. Eu sempre fui uma pessoa de destaque, destaque dentro dos meus conhecimentos, mas eu nunca sofri este tipo de preconceito.

Não só as Universidades que me convidam para dar palestras, mas também vários colégios estaduais e municipais também, e também várias escolas que não fazem parte do contexto de governo.

Mas, no geral, eu estou sendo convidado para vários eventos que vão acontecer. Agora mesmo na semana de abril, vai ter um documentário sobre a história Potiguara, na semana indígena. Tem também um convite pra dar uma palestra na Unicap (Universidade Católica de Pernambuco).

Oswaldo – E, na sua opinião, o que a Universidade poderia aprender para abrir mais espaço para esse conhecimento indígena?

Caboquinho - Eu acho que a Universidade deveria criar um curso específico, porque na realidade, você faz antropologia e antropologia abrange tudo, mas assim, criar um curso específico que explore a questão da etnohistória. E aí, você trabalharia a questão do povo Potiguara, a questão do povo Tabajara, do povo Cariri, a questão do povo Tuxá, Xucuru, enfim, entre outros. Faria assim, em um contexto muito maior, e em cada disciplina daquela, ou cada período, ser trabalhado com o povo tal. E chamaria eles pra darem aulas. Poderiam abordar a questão dos Pajés, a questão das parteiras. Principalmente aqui na UFPB, Campus IV, que tem um percentual de indígenas muito forte. Isso tanto fortaleceria a questão cultural interna, aqui nossa Potiguara, como a questão externa, acadêmica dentro da Universidade. Seria então a pluralidade. E com os próprios professores indígenas. Porque? Quando eu estava na Universidade, na UFCG, eu tinha uma professora de história, professora Juciene. Ela não tem vergonha de falar, disse que aprendeu mais com os indígenas

Potiguaras do que aprendeu na academia:

“Caboquinho, você foi meu professor. Coisas que eu não sabia, você me ensinou. Eu tenho você hoje como meu professor”.

Forma aquele elo de ligação, tanto a gente aprende, como eles aprendem com a gente também.

Oswaldo - Então o Prolind era um momento dos saberes se encontrarem. Vocês tanto levavam, quanto traziam conhecimento.

Caboquinho - Ali a gente estudava antropologia, sociologia, enfim, e cada um tinha sua área de atuação, eu fazia história, outros faziam biologia, física, matemática. As coisas que a gente não sabia, aprendia, e o que outros não soubessem, também, com a gente aprendiam. Um encontro de saberes de fato. E o Prolind era uma dessas iniciativas que deveriam continuar, porque esta troca de saberes é muito importante.

Oswaldo - Sua licenciatura então foi em história e você pegou nessa parte de etnohistória.

Fala um pouquinho sobre como foi sua pesquisa da monografia, do TCC.

Caboquinho - Eu fiz o TCC que na verdade já estava quase pronto de cabeça. Eu me inspirei muito no relatório Bauman¹². Eu me inspirei muito, até porque, na época eu era menino ainda, mas acompanhei meu pai na demarcação e tal. E eu era muito curioso, participava de reunião escondido com os Caciques. Aí eu sempre gostei da questão da oralidade, e quando apareceu essa questão do Prolind eu disse... "*pronto agora eu vou!*".

Qual era o meu interesse de fazer o Prolind? Era pra mostrar um pouco de como se procedeu a demarcação da terra indígena aqui.

Eu disse: "*Agora eu vou botar!*".

Eu tinha na cabeça mais ou menos a base e fiz sobre a demarcação da terra desde o século XVI... até as lutas da década de 80.

Oswaldo - Uma última pergunta: Nessas suas andanças dando palestras e participando de cursos, você recebe alguma remuneração?

Caboquinho - Acho que era pra eu cobrar meus honorários (risos). Mas no geral mesmo eles pagam somente a passagem, eu vou lá e dou a palestra e pronto. E em cursos também eles pedem minha participação, mas não remuneram.

Oswaldo - O que se defende dentro do projeto do 'Encontro de Saberes' é que o trabalho como o seu, de professor, seja devidamente remunerado como um professor doutor da Universidade.

Caboquinho - Eu acho que é o certo!

Palavras finais

Gostaria de agradecer pela oportunidade dada pela revista PragMATIZES a nós povos indígenas, isso não foi uma oportunidade concedida só a mim, pois a luta indígena é uma luta coletiva. Quando um de nós é reconhecido todos também são.

É importante que nós, povos indígenas, ocupemos mais e mais espaços, espaços esses que nos foram negados durante séculos. Seja nas Universidades, nas escolas, nas

¹² Relatório de Therezinha de Barcellos Bauman, 1981.

telas, nos espaços políticos... É preciso alertar a humanidade que vivemos em tempos em que grandes políticos, grileiros, madeireiros, fazendeiros seguem nos matando. Essa letalidade é maior que qualquer arma de fogo, é a maior violência. Acabamos morrendo duas vezes coletivamente quando tentam exterminar nossa identidade e quando invadem e matam nossos territórios, nosso modo de vida. Nossa luta sempre foi e continuará sendo de forma coletiva, somos indígenas resistentes e não índios emergentes.

Ressalto também o fortalecimento da nossa juventude, eles e elas são frutos de nossa luta e serão outras sementes para que nosso movimento indígena não acabe.

Para encerrar, reforço nosso elo, nossa conexão com a mãe terra, ela foi a primeira a sangrar e hoje pede socorro à humanidade e se a sociedade não receber e entender esse chamado de nós povos indígenas, não vai escutar mais o chamado de ninguém. Se não tiver respiração para os povos indígenas não terá para mais ninguém.

É preciso reafirmar que a luta pela mãe terra não é uma luta só dos

povos indígenas, é uma luta de todos. É urgente para a gente ver que temos um desafio grande, que são as mudanças climáticas e vamos ter que enfrentá-las.

O futuro é indígena. Ou não há futuro!

Cacique Caboquinho

Referências

BAUMANN, Terezinha de Barcellos. *Relatório Potiguara*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Índio. 1981.

CARVALHO, José Jorge de; VIANNA, Letícia C. R. O Encontro de Saberes nas universidades. Uma síntese dos dez primeiros anos. In: Encontro de Saberes: Transversalidades e Experiências. *Revista Mundaú*, Maceió, UNIFAL, n. 9, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.28998/rm.2020.n.9.11128>. Acesso em: 05 abr. 2023.

GOLDMAN, Márcio; BARBOSA NETO, Edgard Rodrigues; ROSE, Isabel Santana de. Encontro com os 'Encontros de Saberes'. Encontro de Saberes: Transversalidades e Experiências. *Revista Mundaú*, Maceió, UNIFAL, n. 9, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.28998/rm.2020.n.9.12402>. Acesso em: 05 abr. 2023.